

---

**NO CÁRCERE DA NARRATIVA: UM COMENTÁRIO À CONCEPÇÃO DA  
HISTÓRIA EM *O INCONSCIENTE POLÍTICO***

Marcos Machado Nunes  
Doutorando em Literatura Comparada UFRGS  
machadonunes@yahoo.com.br

O marxismo clássico postula que o universo das instituições sociais (cultura, ideologia, instituições jurídicas, etc.) é, “em última instância”, condicionado pela base econômica (modo de produção e relações de produção). Sob essa perspectiva, portanto, pode-se afirmar que, em termos marxistas, a orientação epistemológica dominante na segunda metade do século XX parece ter sido no sentido de pensar a “totalidade” composta pela base e a superestrutura a partir de um elemento da superestrutura: a dinâmica do desejo para a psicanálise e a linguagem para as ciências sociais e a teoria literária. Prender-se à formulação clássica do “condicionamento em última instância” e ignorar a ampla acumulação teórica do século XX — que parece pretender superar o marxismo como o marxismo pretende superar a filosofia que o precede — representa antes um reducionismo que não responde, do ponto de vista teórico, à complexidade específica das superestruturas, revelada pelo pensamento do século XX. Como o marxismo deve lidar, portanto, com essas questões? Como reconhecer a contribuição de uma epistemologia não marxiana sem, contudo, perder de vista o condicionamento econômico da superestrutura?

*O inconsciente político*, de Fredric Jameson, orientando-se nessa direção e tentando propor uma resposta para essa questão, procura assegurar ao marxismo o papel de uma epistemologia e uma prática hermenêutica viável no cenário pós-estrutural. Nesse sentido, a assimilação (entendida antes como reenquadramento dentro e a partir do pensamento dialético) de conceitos e métodos não marxianos se mostra, às vezes, mais adequada a esse propósito do que a tentativa de reformulação de antigas concepções teóricas do marxismo

---

clássico ou o simples descartar do pensamento que perde de vista ou não preconiza as relações da base com a superfície.

A superação da ortodoxia, contudo, é uma postura teórica que permite a Jameson propor uma reentrada em cena pela porta da frente: renovada e ampliada, a leitura marxista será o “horizonte absoluto de toda leitura e toda interpretação” (JAMESON, 1981, p.17). A leitura política exerce o mesmo papel da base econômica marxista: esgotadas as mediações, “em última instância”, *ela* nos conduzirá ao repositório semântico do texto.

Não se trata, para Jameson, de um simples mapeamento de alusões históricas e sociais, de comprometimentos ideológicos. Nesse nível, ficamos num estágio inicial de levantamento de dados que, de um modo geral, apontam para categorias criadas a partir de um historicismo redutor. Igualmente, não se pode simplesmente tentar reescrever textos do passado a partir de conceitos do presente, projetando-os.

Our presupposition, in the analyses that follow, will be that only a genuine philosophy of history is capable of respecting the specificity and radical difference of the social and cultural past while disclosing the solidarity of its polemics and passions, its forms, structures, experiences, and struggles, with those of the present day. (JAMESON, 1981, p. 18)

Essa filosofia da história será o marxismo: “Only marxism can give us an adequate account of the essential mystery of the cultural past (...) This mystery can be reenacted only if the human adventure is one”. (JAMESON, 1981, p.19)

Para Marx, lembra Jameson, essa aventura será, essencialmente, a de um tema, “a luta coletiva para arrancar um reino de Liberdade de um reino de Necessidade” (JAMESON, 1981, p.19), que se articula num enredo:

The history of all hitherto existing society is the history of class struggles: freeman and slave, patrician and plebeian, lord and serf, guild-master and journeyman — in a word, oppressor and oppressed — stood in constant opposition to one another, carried on an uninterrupted, now hidden, now open fight, a fight that each time ended, either in a revolutionary reconstitution of society at large or in the common ruin of the contending classes.” It is in detecting the traces of that uninterrupted narrative, in restoring to the surface of the text the repressed and buried reality of this fundamental history, that the doctrine of a political unconscious finds its function and its necessity. (JAMESON, 1981, p.20)

Evidentemente, até esse ponto do livro de Jameson esboçam-se questões relevantes que mereceriam uma abordagem mais detida. Jameson vê o problema da *interpretação* como o principal objeto de uma abordagem dialética que reorienta o marxismo no contexto das teorias pós-estruturalistas e construa um “modelo hermenêutico imanente e antitranscendente” (JAMESON, 1981, p.23). No entanto, a convicção de que “a aventura humana é única” não poderia ser tomada como pressuposto para a elaboração teórica sem uma discussão prévia. Sobretudo porque, no próprio desenvolvimento da exposição de uma epistemologia marxista realizada por Jameson, surgem categorias que nos instigam a repensar o pressuposto da história como totalidade. A dialética de Jameson é rigorosa e sutil o bastante para nos livrar desse inconveniente. Bastaria deter-se mais cautelosamente nessa questão inicial. Apenas, Jameson parece preocupado demais com a relação entre o método hermenêutico e o objeto, com a questão da interpretação, para tornar a essa questão básica. As categorias para o enquadramento desse postulado — exposto nesse momento inicial quase como um *a priori* — na construção teórica de Jameson são lançadas por ele próprio ao longo da sua exposição sobre a interpretação. Tentaremos, ao final de uma breve exposição dos pressupostos marxistas da teoria da interpretação de Jameson, “locar” (usando uma expressão que agrada a Jameson) a questão inicial de uma concepção da história que parece reducionista e plana dentro de sua dialética “renovada”.

A “aventura humana” vista como única faz dela uma totalidade. Cedemos à dialética de Jameson (como, de resto, se faz já imperioso ceder desde Spinoza) quanto à totalidade como verdade: só a visão da totalidade nos liberta da parcialidade da ideologia (JAMESON, 1981, p.53). Já a possibilidade dessa libertação é uma outra questão. O problema da concepção da história como totalidade está no nivelamento das unidades que a compõem. Como considerar o problema das diferenças e da “autonomia relativa”? O pressuposto de Jameson, portanto, já implica a consideração da oposição althusseriana entre a “causalidade expressiva” e a “causalidade estrutural”, ponto de partida da teoria do “inconsciente político”.

O que Althusser chama de causalidade (ou efetividade) expressiva pode ser compreendido como a visão (tradicional do idealismo) da relação entre a totalidade e suas partes constitutivas como a “expressão” de uma essência que transcende os elementos que compõem a totalidade. Essa lógica está encoberta sob os mais diversos historicismos (hegelianos, a-hegelianos ou anti-hegelianos) fundados na prática da periodização: “a seamless web of phenomena each of which, in its own way, ‘expresses’ some unified inner truth — a world-view or a period style or a set of structural categories which marks the whole length and breadth of the ‘period’ in question”. (JAMESON, 1981, p.27)

Tanto pior, à medida que, pela lógica da causalidade expressiva, a construção da totalidade histórica pressupõe a fixação de um centro:

The construction of a historical totality necessarily involves the isolation and the privileging of one of the elements within that totality (a kind of thought habit, a predilection for specific forms, a certain type of belief, a “characteristic” political structure of form of domination) such that the element in question becomes a master code or “inner essence” capable of explicating the other elements or features of the “whole” in question. (JAMESON, 1981, p.28)

---

A visão sincrônica do período histórico é complementada pela visão linear da história como sucessão de períodos, como narrativa a partir da qual os períodos ganham sua significação.

Para Jameson, Althusser está, ao mesmo tempo em que desacredita o idealismo hegeliano, mostrando a teoria clássica dos níveis (“a superestrutura é, em última instância, condicionada pela base econômica”) como um esquema alegórico de interpretação, um código mestre que, quando se percebe que “todo modo de produção individual projeta e implica toda uma seqüência desses modos de produção — do comunismo primitivo ao capitalismo e ao comunismo propriamente dito — que constitui a narrativa de uma ‘filosofia da história’ propriamente marxiana” (JAMESON, 1981, p.33). Já é nossa conhecida essa narrativa. Se a formulação teórica de Jameson a respeito da interpretação encerrasse aqui, bastaria apelarmos para Althusser e apontar a teoria de Jameson como viciada na origem, pois procura fundar-se numa lógica que é a sua própria negação.

No entanto, o conceito de inconsciente político é uma tentativa de adequar a narrativa mestra do marxismo às exigências hermenêuticas do nosso tempo projetando aquela narrativa *para dentro* do objeto.

The idea is, in other words, that if interpretation in terms of expressive causality or of allegorical master narratives remains a constant temptation, this is because such master narratives have inscribed themselves in the texts as well as in our thinking about them; such allegorical narrative signifieds are a persistent dimension of literary and cultural texts precisely because they reflect a fundamental dimension of our collective thinking and our collective fantasies about history and reality. (JAMESON, 1981, p.34)

É uma lógica que se aproxima da concepção althusseriana do papel dos aparatos ideológicos do estado: a condição de produção por excelência é a reprodução das condições de produção, tanto quanto, para Jameson, a condição necessária à recorrência a uma narrativa

mestra como sentido último de outra narrativa é a reprodução da dimensão alegórica nas nossas “idéias e fantasias coletivas sobre a história e a realidade” (JAMESON, 1981, p.34). Ou seja, é porque o deslocamento alegórico do sentido se prolifera nas representações que fazemos do mundo que se justifica a consideração desse deslocamento como categoria hermenêutica. A transcendência incorporada, alocada (*located*) no objeto abre caminho para uma nova modalidade de imanência. Para Jameson, a história, enquanto coisa em si no sentido kantiano, não é uma narrativa — nem portadora nem desprovida de sentido transcendente —, apenas, é através de narrativas que podemos dar coerência à multiplicidade dos fenômenos objetivos e torná-los história. O local em que se processa essa narrativização é o inconsciente político. A interpretação deixa de ser o “método” e passa a ser o “objeto”. Sondar o inconsciente político dos textos é revelar as interrelações entre as narrativas que possibilitam a representação da experiência humana. Trata-se de um idealismo quase kantiano, ou, antes mesmo, berkleyano? Em certa medida, sim. Mas se pensamos o objeto de uma hermenêutica fundada sobre essas bases como a projeção desse idealismo sobre textos materiais, já descemos alguns degraus em direção à realidade concreta.

A crítica Althusseriana da efetividade expressiva e da interpretação somada à projeção dessas categorias no objeto possibilita a Jameson formular uma modalidade de interpretação que responda às exigências do relativismo hermenêutico contemporâneo. Mas, se o problema hermenêutico é já solvido dentro do âmbito da causalidade expressiva, como pensar o apelo althusseriano a uma forma de efetividade estrutural? Althusser pensa a relação da “superestrutura” com o modo de produção de forma estrutural. O modo de produção passa a ser compreendido como a totalidade que emerge do sistema de relações entre as partes. A ideologia, por exemplo, que compunha a superestrutura na formulação do marxismo clássico, por exercer o papel de reprodutora das condições de produção, só pode ser compreendida

como uma peça sem a qual o modo de produção deixa de operar. A totalidade não é compreendida *fora* das partes ou em função de *uma* das partes, sob pena de deixar de ser totalidade. Com a noção de uma autonomia relativa dos níveis da realidade, Althusser condena a prática clássica da *mediação* dialética como uma forma de causalidade expressiva. A mediação, entendida como possibilidade de aplicação da análise e conclusões do exame de um dos níveis a outro nível, visa, para Althusser, alcançar a “essência” comum de fenômenos aparentemente distintos.

No entanto, para Jameson, a crítica de Althusser é deslocada. Procura condenar a prática da mediação como busca da homologia entre os elementos da mediação e se aplica à mediação como um todo. Na verdade, para Jameson, a constatação da diferença requer já uma mediação. Do ponto de vista de uma efetividade estrutural, portanto, a “celebração pós-estrutural da descontinuidade e da heterogeneidade” é apenas um momento inicial exigido pela visão do todo como estrutura. A história como narrativa, dessa forma, requer um elemento aglutinador das heterogeneidades das partes, uma sintaxe, um pano de fundo para a justaposição das figuras que compõem o mosaico de fragmentos. Somente nesse sentido se pode compreendê-la como una.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

JAMESON, Fredric. *The Political Unconscious: Narrative as a Socially Symbolic Act*. New York: Cornell University Press, 1981.